

PRODUÇÕES CULTURAIS SURDAS NO CURSO DE LETRAS-LIBRAS

Priscila de Abreu Bortoletti¹ - UFRGS

Janete Inês Müller² - UFRGS

Territórios investigativos

Vinculado ao campo dos Estudos Culturais em Educação, por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social; e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de populações, este trabalho é constituído a partir de investigações realizadas no projeto de pesquisa *Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira*³, que visa mapear, coletar e analisar as produções culturais surdas nas diferentes regiões do país, dando visibilidade às comunidades surdas e problematizando relações de poder envolvidas na produção de significados culturais e de identidades surdas.

Assim, com o intuito de dar continuidade e de consolidar pesquisas no campo da cultura surda⁴, considerando os processos de produção, circulação e consumo cultural, centralizamos nossa pesquisa nas produções culturais surdas do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras⁵. Esse curso é uma iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), responsável pela formação de profissionais na Língua Brasileira de Sinais (professores e tradutores-intérpretes), sendo que, na modalidade a distância, na turma de 2008, quinze polos institucionais do Brasil participaram da realização dos cursos. Cabe destacar que as orientações para a realização do curso, as aulas, os materiais disponibilizados, as atividades desenvolvidas, bem como a comunicação entre professores, tutores e acadêmicos, são práticas realizadas principalmente na Língua Brasileira de Sinais - Libras.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Bolsista de Iniciação Científica “PIBIC – CNPQ/UFRGS.

² Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestre e Doutoranda em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

³ Projeto aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Ministério da Cultura, a partir do edital Pró-Cultura nº 07/2008, sendo atualmente executado por três instituições de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

⁴ A expressão ‘cultura surda’, embora geralmente seja utilizada no singular, aqui, é entendida em sua pluralidade, considerando que não é possível entender a existência de uma única cultura. Mesmo que partícipes de um grupo ou comunidade, cujos membros usam a mesma língua, compartilham experiências afins e se unem em movimentos e lutas, as identidades surdas são móveis e se hibridizam em contato com outros (surdos ou não).

⁵ Mais informações sobre o curso podem ser obtidas em sua página na internet: <<http://www.libras.ufsc.br/>>.

Os acadêmicos do Curso de Letras-Libras, a partir da realização de trabalho final na disciplina de Literatura Surda⁶, construíram narrativas e poemas registrados em suporte digital (vídeos), potencializando a cultura surda através de artefatos que emergem de diferentes polos e regiões brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade do Estado do Paraná (UEPA), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Instituto Federal de Educação e Tecnologia de Goiás (IFET-GO), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

Desenvolvidas de forma individual ou em grupo, essas produções foram enviadas para a professora responsável da disciplina Literatura Surda. Com o propósito de organizar os materiais empíricos, sem com isso objetivar categorizações, as cento e oitenta e três (183) produções culturais coletadas foram tabuladas em planilha, instrumento este que contempla informações como: título, sinopse, autoria, tipologia textual, tempo, suporte de texto, público-alvo, recursos de produção, uso das línguas, entre outras observações. Além disso, respeitando o termo de autorização de uso dos materiais para pesquisa e os direitos autorais dos acadêmicos, inclusive para o desenvolvimento deste texto, os vídeos estão sistematizados em arquivo, possibilitando análises como esta e outras possíveis, conforme perspectivas teóricas e interesses investigativos.

E é nesse sentido que este texto prossegue com alguns ‘olhares direcionados’ ao *corpus* empírico desta investigação. Qualificando o acervo brasileiro das produções culturais, é possível afirmar que essas produções não se caracterizam como “um campo passivo de mero registro ou de expressão de significados existentes” (HALL, 1997, p. 47). Esses significados são construídos historicamente, principalmente por membros das comunidades surdas, inseridos em um campo discursivo do nosso tempo.

Letras-Libras: um território de produção, circulação e consumo cultural

A partir das pesquisas realizadas, observa-se um crescimento significativo de produções culturais surdas, principalmente a partir do final da década de 90. No caso dos vídeos aqui analisados, foram editados no ano de 2010, no período de apresentação do

⁶ Literatura Surda, com iniciais maiúsculas, é utilizada, neste texto, com referência à disciplina do Curso de Letras-Libras. Como artefato cultural, discussão desenvolvida ao longo deste texto, a expressão ‘literatura surda’ é usada com letras iniciais minúsculas.

material na disciplina de Literatura Surda; e muitos deles, posteriormente, passaram a circular em ambientes virtuais (sites e redes sociais).

É possível afirmar que a emergência das produções culturais surdas, no final do século XX, está relacionada às lutas e aos movimentos surdos, que tensionaram mudanças políticas e sociais, bem como pode ser vinculado às pesquisas no campo da Linguística e da Educação, pois as línguas de sinais foram reconhecidas e adquiriram status social. Nesse sentido, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi oficializada no Brasil em 2002, e, por meio do Decreto nº 5.626 (22 de dezembro de 2005), outras mudanças aconteceram, como a criação dos Cursos de Letras-Libras, possibilitando a formação de tradutores-intérpretes e de professores, para atuarem principalmente nas Escolas Bilíngues de Surdos.

Com base nisso, o Curso de Letras-Libras pode ser considerado um marco importante no histórico das lutas surdas, inclusive em um cenário de ressignificação do movimento político surdo. Além de formar profissionais bilíngues e tradutores-intérpretes, possibilitando condições para a efetivação da Lei de Libras, o ambiente acadêmico (virtual e presencial) aproxima membros das comunidades surdas de diferentes regiões do país, cuja comunicação, aprendizagem e intercâmbio cultural se processam em língua de sinais. Nesse território, não demarcado pelos limites geográficos, discursos são produzidos e compartilhados, principalmente através das narrativas e dos poemas. Essas produções, por sua vez, têm o poder de constituir ‘verdades’ e de influenciar o público consumidor delas, fazendo as pessoas viverem essas histórias e acreditarem nas representações que elas trazem (SILVEIRA e MOURÃO, 2009).

Em se tratando de representações, são aqui entendidas como resultados de processos que se estabelecem discursivamente, instituindo significados de acordo com critérios de legitimidade e de validade estabelecidos pelas relações de poder, considerando-se a posição política e geográfica, a língua, as riquezas materiais e simbólicas ou por outra prerrogativa (COSTA, 2005). Por isso, as representações são móveis, mutantes e se dão em diferentes práticas culturais. Ao descrever algo ou alguém em um discurso ou narrativa, produz-se uma ‘realidade’; e quem tem o poder de narrar o outro ou dizer como são ou estão as coisas da vida é quem dá as cartas da representação.

No que tange ao ‘ser surdo’ e ao seu processo de educação, numa perspectiva cultural, observa-se a potencialidade do ambiente virtual do Curso de Letras-Libras, de forma que as práticas discursivas balizam os processos de constituição da identidade e da diferença surda, resultados “de atos de criação linguística, social e cultural” (SILVA, 2009, p. 76). Tendo em vista a inserção neste ‘lugar acadêmico’ aqui em análise, o surdo é produzido a partir de sua

diferença linguística, produto de uma invenção que institui representações da comunidade surda acadêmica. E esse discurso é autorizado por sujeitos (principalmente surdos), que estão inseridos em movimentos políticos e que lutam pela educação bilíngue. Por isso, é possível ‘olhar’ para o Curso de Letras-Libras como um espaço de produção, de circulação e de consumo da cultura surda, pois as produções culturais contemplam modos de vida surdos, ‘orientando’ acerca de sua educação.

E isso pode ser observado em produções surdas aqui analisadas, como, por exemplo, em ‘Você precisa ser surdo para entender’⁷ e ‘Bilinguismo junto com Libras’. Nessa última produção, o poema em língua de sinais retrata a importância da união, respeito e comunicação entre ouvintes e surdos, principalmente através do bilinguismo. Em outro poema, afirma-se que só o surdo consegue entender a dificuldade de estar em uma sala de aula comum, com professores e colegas ouvintes, em situações de não-comunicação, de estar sem acesso à informação, de receber castigo, de sentir-se sozinho e sem companhia, vítima das práticas de oralização ou da benevolência dos ouvintes.

Resulta daí o destaque dado para a importância do professor surdo e das escolas bilíngues para surdos, o que é evidenciado no poema “O modelo do professor surdo”, ressaltando o imprescindível papel desse adulto surdo em sala de aula. Considerando que o professor compartilha vivências semelhantes, torna-se uma referência para os surdos, não como um modelo a ser atingido, mas um referente linguístico e, portanto, cultural. Assim, observa-se um processo de subjetivação, que possibilita a constituição do ‘ser surdo’, que pode ser compreendido como um ser que não remete a uma essência, mas a subjetividades construídas e conjugadas a partir do outro surdo (LOPES e VEIGA-NETO, 2010).

Dessa forma, o ambiente virtual do Curso de Letras-Libras constitui-se um *locus* importante e produtivo de articulação e de resistência cultural. É um ambiente de aprendizagem com acessibilidade bilíngue, onde há vídeos em língua de sinais e respectivos textos escritos em português, bem como é possível interagir com professores, tutores e colegas acadêmicos, discutindo ideias e qualificando estudos. Sendo assim, é nesse currículo, marcado pela experiência visual, que se dá a aproximação e a convivência com outros surdos, constituindo um sentimento de pertencimento a uma comunidade: um lugar acolhedor e seguro, que favorece o entendimento, o apoio, a ajuda, a proteção ao outro, a unidade, a tranquilidade, a segurança e a imunidade.

⁷ Os autores do poema são identificados como Willerd e Madsen. O poema circula em vários vídeos da internet e um dos sites acessados é <http://www.youtube.com/watch?v=uoLD0Q8UX4A>, com acesso em janeiro de 2013.

Daí que os chamados por uma ‘cultura surda’, através da invenção de um coletivo, proporciona condições materiais para constituir a experiência surda. Nesse caso, a população surda constrói sua identidade surda, como parte de uma comunidade visual coletiva, o que também está relacionado a uma forma de narrar-se e de constituir-se, que traz as marcas de um grupo linguístico minoritário. Assim, em relações de aproximação com outras culturas, as comunidades e os movimentos surdos parecem ganhar mais notoriedade e força política, principalmente na negociação cultural estabelecida com grupos culturais ouvintes.

Nas produções em vídeo do Curso de Letras-Libras, percebe-se a resistência e a luta dos surdos, de modo que os ouvintes (exceto intérpretes e outros participantes das comunidades surdas) são traduzidos, através de relações de oposição binárias, como ‘os outros’, que detêm a fonte de todo o mal (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001). Exemplo disso pode ser observado na produção intitulada ‘A fase de desenvolvimento do surdo e ouvinte’, poema que mostra a comparação entre as formas de vida de um surdo e de um ouvinte, evidenciando que esses sujeitos têm vivências de modos diferentes. Em outra narrativa digital, intitulada ‘Cocô de surdo e de ouvinte’, a piada apresenta uma comparação cultural através dos diferentes formatos dos ‘cocôs’, que estão relacionados às experiências visuais dos surdos e às sonoras dos ouvintes.

Tendo em vista os processos de globalização e avanços tecnológicos, cabe destacar, ainda, o papel do Curso de Letras-Libras no sentido de possibilitar a circulação de produções culturais para além das fronteiras de um ambiente virtual acadêmico. Muitos vídeos, a exemplo do poema ‘Você precisa ser surdo para entender’, circulam na internet, principalmente em redes sociais, site do YouTube e blogs que ‘hospedam’ discussões acerca dos Estudos Surdos.

Literatura Surda: artefato cultural

As produções culturais surdas aqui analisadas são pensadas a partir do uso de uma língua de sinais, do pertencimento a uma comunidade surda e do contato com pessoas ouvintes, proporcionando experiências bilíngues. Também têm diferenças entre si, segundo a criatividade dos compiladores, sua compreensão do grupo estudado, dos costumes, da língua. Investigar as produções culturais do Curso de Letras-Libras implica também considerá-las como vinculadas à literatura surda, aqui entendida como artefato cultural.

Como artefato cultural, a literatura surda pode ser compreendida como

uma das formas utilizadas pelos sujeitos surdos para transmitirem sua(s) cultura(s). Por meio dela, eles registram suas histórias de vida, suas lutas e as conquistas das comunidades surdas ao longo dos anos, produções que são (re)criadas de uma geração para a outra; também relatam dificuldades, desejos, práticas de sua comunidade e percepções acerca do mundo; e, a partir disso, posicionam-se e manifestam-se politicamente. Além disso, produz-se humor e prazer estético, mergulhando em um universo imaginativo que, nem por isso, deixa de estar relacionado às suas experiências e à circulação das produções culturais surdas em diferentes culturas (MIANES, MÜLLER E FURTADO, 2011, p. 61).

Em geral, a expressão ‘literatura surda’ é utilizada para as produções literárias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura presentes nos textos (KARNOPP, 2006). Nessas produções, os surdos são compreendidos na perspectiva da diferença cultural, ou seja, constituem um grupo linguístico e cultural diferente, possibilitando outras representações surdas. Além disso, o campo da literatura surda aponta para o hibridismo cultural, em que produções surdas se fazem presentes em outras culturas, transcendendo fronteiras.

Em produções marcadas pela experiência visual, pelo uso da língua de sinais, com personagens valorizando a identidade e a cultura surda, com destaque às lutas e movimentos, a literatura surda multiplica-se em diferentes gêneros e tipologias textuais, em diferentes suportes textuais, com uso de imagens, escritos em português ou em *sign writing*. Quanto aos processos de produção cultural, é possível reconhecer obras traduzidas, adaptadas e criadas⁸. O olhar analítico direcionado aos materiais empíricos desta pesquisa, que circulam em formato digital, possibilita também evidenciar a recorrência na produção de narrativas e poemas, com ênfase na composição de textos folclóricos e lúdicos, principalmente fábulas e contos, direcionados ao público em geral (crianças, jovens e adultos).

Essas recorrências observadas na pesquisa podem estar relacionadas aos propósitos da disciplina de Literatura Surda, cujo objetivo era catalogar e reunir o acervo de textos literários que são contados entre os surdos, incentivando a troca e a produção literária em Libras. Além disso, o componente curricular possibilitou aos acadêmicos o acesso a produções literárias em línguas de sinais, conhecendo autores e obras que circulam em fitas VHS, CDs, DVDs ou textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. Entende-se, portanto, que o consumo cultural subjetivou os acadêmicos do curso, considerando, é claro, as diretrizes orientadoras para a produção do trabalho solicitado na disciplina.

É possível também depreender que a recorrente produção de fábulas pode estar vinculada à tentativa de significar e de potencializar ensinamentos que emergem dos discursos

⁸ Acerca dos processos de produção cultural, discussão é desenvolvida em MÜLLER, 2012.

surdos, pois, apresentando animais e objetos como personagens, as fábulas caracterizam-se como narrativas breves às quais se associam moralidades, conduzindo os leitores a partir do caráter exemplar. Corroborando essa afirmação, entre outros exemplos passíveis de citação, compartilha-se uma narrativa adaptada da fábula *A lebre e a tartaruga*. A história gira em torno da disputa de corrida entre uma lebre e uma tartaruga, em que se faz uma analogia entre um surdo fluente em Libras (lebre) e outro que sabe pouco (tartaruga). Entretanto, este último demonstra esforço, participa da comunidade surda e, assim, se comparado ao primeiro, torna-se ainda mais fluente em língua de sinais.

Quanto aos contos e textos poéticos, apresentam forte relação com o universo ficcional e criativo dos produtores, possibilitando o exercício da imaginação, da licença poética e do prazer. Geralmente de curta extensão, são constituídos de características literárias e pelo conflito ou temática única. Exemplificando, o conto adaptado dos *Os três porquinhos surdos* narra a construção das casas dos porcos (personagens), que são surpreendidos pelo lobo que pergunta o sinal de algumas palavras em Libras. Nessa produção, observam-se outros aspectos da cultura surda, principalmente o uso de recurso visual (papel), para chamar a atenção do porco (que ouvia a batida à porta), bem como o sinal luminoso da campainha (lobo aperta a campainha luminosa para entrar na casa do terceiro porco).

Nas produções aqui em análise também se evidencia a recorrência da sinalização e das encenações na contação de histórias, assim como é frequente o uso de ilustrações, que corroboram a importância da experiência visual surda. A sinalização em primeiro plano dá destaque para a visualização clara e performances em Libras, com uso de expressões faciais e corporais, movimentos de mão e locações com efeitos estéticos e expressivos que se articulam às possibilidades artístico-literárias de uso da língua de sinais. Importa enfatizar que, geralmente, a sinalização em Libras é acompanhada de outro recurso visual, o que favorece o acesso e a construção de sentidos a partir dessas produções. Assim, nota-se a regularidade na utilização de ilustrações (principalmente imagens de livros) e encenações, que qualificam a compreensão do (con)texto e sequência da obra.

Tendo a participação de associações, escolas, grupos de teatro e atores surdos, é fundamental destacar que essas produções marcam a necessidade de que aquilo que é consumido como cultura surda seja legitimado pela representação surda, ou seja, “o direito de representação, de constituição e apresentação da imagem cultural surda está intimamente relacionado com o lugar que esses sujeitos ocupam nesse cenário cultural” (KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 25). Isso porque é na esfera cultural que se dá a

luta pela significação social, pois, através de relações de poder e de práticas de representação, identidades são negociadas e hierarquias são estabelecidas.

Dessa forma, nos materiais analisados, percebe-se que os

surdos contadores de histórias buscam o caminho da autorrepresentação na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem (KARNOPP, 2010, p. 172).

Além disso, de acordo com Moraes (2012), os sujeitos surdos apreciam recontar e recriar contos da literatura oral. E a arte de contar é subsidiada pela memória, e os contadores de histórias possuem desembaraço alegórico, convocam imagens de sua lembrança para suas composições contextuais e verbais. Concordando com a pesquisadora, a celebração da língua de sinais e o orgulho de ser surdo se apresentam em suas produções, seja por vídeos produzidos por meio institucional ou por uma filmadora em casa, no trabalho, na escola, na praça e posteriormente são divulgados na internet. Em qualquer uma das produções, o conto sobrevive em um povo que se comunica com os olhos, com as expressões faciais, com as mãos, por que não dizer, com o corpo.

Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas; logo, cabe coletar narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo. Surdos reúnem-se frequentemente para contar histórias de vida, piadas e outras narrativas que incluem elementos da cultura surda, com personagens surdos, com tramas que, em geral, envolvem as diferenças entre o mundo surdo e ouvinte (KARNOPP, 2006). E, nesse sentido, cabe considerar que a atividade desenvolvida na disciplina de Literatura Surda teve considerável êxito, tendo em vista não somente a quantidade de produções culturais, mas principalmente a riqueza cultural desses materiais e sua circulação entre o público consumidor.

Ainda analisando a literatura surda como artefato cultural, observa-se a reivindicação da diferença surda através de práticas discursivas que ensinam um modo surdo de ser, regulando condutas por meio do circuito cultural. Justificando essa afirmação, tomamos, como exemplo, o poema 'Menino surdo'. Nessa produção, percebe-se um jogo com as letras e as cores: a porta D é relacionada ao deficiente auditivo, com o uso do aparelho auditivo; a porta I apresenta um bebê com o implante coclear; enquanto a porta S, com sua cor azul, representa o orgulho surdo, a porta da língua de sinais, que, ao ser aberta, demonstra o mundo que se comunica pelas mãos. Nota-se, assim, o destaque dado à porta S, que propõe assumir a

identidade surda e valorizar a língua de sinais. Para um dos produtores do poema, “a criança tem o direito de escolher seu futuro, porque, se recebe o implante, no futuro, pode culpar os pais”. De forma geral, o poema narra uma possibilidade de escolha, visto que o surdo tem posicionamento, língua, cultura.

Para não terminar...

De forma geral, nas últimas décadas, no campo dos Estudos Surdos, pesquisadores vêm construindo trajetórias de registro e de pesquisa acadêmica acerca da produção cultural de surdos. Em se tratando de territórios localizados de significação social, as produções culturais do Curso de Letras-Libras não representam uma posição homogênea, imóvel e determinada de grupo cultural. Mesmo diante dos elos estabelecidos em comunidades surdas, fortalecendo o povo surdo, a cultura surda brasileira também se hibridiza, produzindo modos diferentes de ser surdo e de produzir, fazer circular e consumir as produções culturais.

Neste texto, foi apresentado um possível olhar para o *corpus* empírico desta pesquisa, sendo que outras ‘lentes’ podem ser direcionadas; também se reconhece a inserção em domínios discursivos que compreendem as ‘verdades’ aqui apresentadas como significados constituídos através de práticas discursivas e processos de representação. Dada a considerável quantidade de vídeos que compõem o material analisado, foi necessário escolher algumas obras para corroborar a argumentação do texto, visto que outras também exemplificariam as ideias aqui discutidas. Além disso, diante da complexidade temática, quantidade significativa e riqueza cultural, outros estudos acerca das produções culturais surdas podem emergir; por isso, não fossem os limites do discurso, a proposta seria de ainda ‘não terminar’ este texto.

Enfim, importa, neste artigo, reiterar a potencialidade discursiva das narrativas e poemas vinculados ao campo da literatura surda, dada a sua variedade de gêneros e tipologias textuais e processos de composição das produções, além de ser compreendida como um rico espaço de autorrepresentação surda e de marcação da sua diferença e de sua identidade. Junto a isso, há o reconhecimento do Curso de Letras-Libras como um território que dá condições para que a literatura surda seja produzida, circule e seja consumida, principalmente transcendendo o ambiente virtual e acadêmico, para possibilitar a expansão de grupos minoritários, borrar fronteiras culturais, difundir amplamente e dar visibilidade às suas culturas.

Neste universo de vivências individuais e coletivas destes tempos desafiadores, em que não apenas somos interpelados pelos diferentes, mas também somos orientados para o

consumo de suas culturas, as lutas constantes pelo reconhecimento da língua, da identidade e da cultura surda estão também presentes entre nós, buscando reconhecimento e imprimindo outras imagens e sentidos daqueles até então existentes ou determinados.

Referências

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos Bernardo. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 1997.

KARNOPP, Lodenir. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. In: *Cadernos de Educação – Educação de surdos*. Pelotas: Ed. UFPel, ano 19 nº 36 maio/agosto 2010.

KARNOPP, Lodenir. *Literatura Surda*. Santa Catarina: UFSC, 2006.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

LOPES, Maura; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos. In: VIEIRA – MACHADO, Lucyenne. LOPES, Maura. (orgs.). *Educação de Surdos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

MIANES, Felipe; MÜLLER, Janete; FURTADO, Rita S. S. Literatura surda: um olhar para as narrativas de si. In: *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

MORAIS, Carla. Contadores de histórias surdos na arte em movimento, no reconto, na recriação e na memória. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. Curitiba, Paraná: Editora CRV, 2012.

MÜLLER, Janete Inês. *Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas*. Porto Alegre, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

SILVEIRA, Carolina Hessel; MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. Literatura infantil: música faz parte da cultura surda? In: Seminário Nacional Educação, Inclusão e Diversidade, 2009, Taquara. *Anais...* Taquara: FACCAT, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.